

" Oh nobres! A vida é curta. Se vivemos, vivemos  
Para caminhar sobre as cabeças dos reis."

[illegible]

T

ENGELS a Marx - Correspondência

#####

"Quanto aos tratantes que conheci, penso neles com prazer e benevolência."

Apoiado nesta corrente anónima de provocação generalizada a tudo aquilo que existe de tradicional, um proliferar de textos sem qualificação possível invade o respeitável domínio da actividade escrita. Consequência da cristalização de "linhas políticas injustas" e certamente alimentada por inconfessáveis "desvios revolucionários", a aplicação prática de toda esta loucura generalizada espanta os menos avisados. Que o digam o M.R.P.P. ou o Partido Comunista Português, constrangidos, numa época em que a Revolução se anuncia como qualquer coisa de francamente muito indecente, a manterem a "decência revolucionária" expulsando das suas fileiras alguns militantes menos ortodoxos, que "à uma" usavam nas suas reuniões políticas clandestinas tanto a cama como o quarto...

"O que lhes falta é um trono onde possam sentar o cú fustrado."

A existência na prática duma polícia de costumes interna, mostra-se como a única defesa possível destes "bondosos espíritos de esquerda" contra o ameaçador projecto revolucionário que lhes há-de transformar a pele em couro para calçado. Incitando aparentemente a desprezar a polícia, a prática vem demonstrando que estes grupos de ajuda filantrópica ao proletariado, desgraçada e eternamente por eles condenado à inconsciência - vide Que Fazer? - Lenine - exortam na realidade a

viver num mundo onde impera um policiamento asfixiante.

A crise das instituições estabelecidas ou desejando "estabelecer-se" no poder, começa desta forma a atingir um ponto de ruptura que se manifesta em particular na sua incapacidade crescente para integrar uma nova geração nos circuitos da chamada vida adulta. Para espanto geral da oposição tradicional, a tomada de consciência desta crise opera-se agora ao nível da prática quotidiana, onde as relações familiares, o alto grau de hierarquização da vida social e a rigidez das estruturas institucionalizadas, entram em conflito aberto e violento com as aspirações nefandas que por toda a parte as novas gerações demonstram possuir quantitativa e qualitativamente.

A onnipresença da repressão hierárquica e institucional, que não é mais que a onnipresença da dominação de classe levada até aos últimos redutos da vida dita privada, faz com que deixe de haver soluções dentro do sistema para os problemas parcelares e que estes comecem consequentemente a assumir a forma de momentos de contestação do sistema considerado totalidade opressiva. poder

Expressando uma agudização progressiva dos conflitos, é neste contexto de afirmação e negação do que o sistema procura criar formas ainda mais aperfeiçoadas de enquadramento dos impulsos revolucionários fazendo com que todos os domínios da prática-humana e em especial aqueles actos que vulgarmente se apontam como contestadores do sistema, sejam progressivamente invadidos pela sedução ideológica.

## II

" No momento histórico que nos contém, as ideias existentes sobre a revolução, são já uma moeda."

ALGUÉM DISSE

~~~~~

Porque nenhuma ideia pode conduzir para além do espectáculo existente mas somente para além das ideias existentes sobre o espectáculo, a crítica ao poder contém em si e em ritmo dia para dia mais accentuado, um novo poder em germen -- O poder espectacular que a crítica oferece a quem resolve por o sistema em causa.

A ousadia duma linguagem terrivelmente cortante à qual nenhum assunto escapava, sucede-se presentemente o reverso da medalha. O espectáculo da crítica, agora que o emprego da radicalidade parece ser finalmente lucrativo, instala-se na prática das organizações e pessoas que reclamam para si a crítica do espectáculo -- A este propósito, vejamos entre outras, as significativas e pretensiosas declarações de JORGE DE LIMA BARRETO num dos números de Meio dum jornal da tarde de Lisboa.

De tal forma a confusão parece generalizar-se, que é hoje lícito duvidar de qualquer publicação que aparente transgredir a ordem, incluindo mesmo a crítica que transparece nestas páginas. A aparente inevitabilidade da recuperação da mensagem, põe presentemente questões tidas até aqui como secundárias mas que na realidade não o são. Viste como contingência técnica, a actividade escrita, lugar privilegiado onde se afirmam todas as emanações dum poder que para mais facilmente se camuflar faz mesmo a apologia teórica da sua própria destruição, tem hoje possibilidades melhoradas de afirmação espectacular no mundo que pretende combater. Meios que como ela contundem e ferem também para a posteridade, são de considerar a priori de eficácia reduzida, pois lançando inevitavelmente sobre os críticos as atenções duma sociedade onde impera a dominação espectacular dos mais sabedores, forçam-se a desempenhar um papel antagónico ao desejado.

Ainda que ao fazer a apologia dum texto dito radical, o leitor não visser mais que a satisfação duma necessidade da qual está ausente qualquer ideologia, mesmo assim poderá inconscientemente estar a tornar extensiva a terceiros, a influência duma publicação que é na realidade aquilo que na sua boa fé ele pensa que não é -- Um produto acabado do mercado da radicalidade.



A contradição iminente a esta publicação está pois patente. A não existência de condições materiais que tornem possível um recorrer a novas formas de expressão, mal grado os riscos que temos consciência de inevitavelmente correr, constrange-nos, para lhes apontarmos as insuficiências, a fazer uso das próprias formas de expressão que criticamos. A existência desta publicação, mostra portanto que preferimos, sob perigo de não conseguirmos sair do impasse que a nós nos criaram, aguardar que agudizando-se a contradição, novas formas de expressão que nos sentimos manifestamente incapazes de descortinar tomem presença na corrida para o assalto que se avizinha à sociedade que nos asfixia.

### III

" Fiz um pacto com a prostituição para semear a desordem nas famílias."

CONDE DE LAUTREAMONT

~~~~~

Seduzidos pelo poder, constrangidos pela necessidade económica e humilhados pela própria consciência que os impõe à revolta, é assim que os miseráveis que quotidianamente fuçam inteligentemente nas máquinas nos campos e nas fábricas, esses que criam um sobreproduto económico espantoso para quem deles dispõe como animais de carga que são... é assim que esses gajos continuam não só a trabalhar, mas a amar mesmo a sua actividade degradante, tornando-se tanto mais pobres mais riquezas fabricam e mais a sua produção aumenta em poder e extensão. Para colocar os produtos do trabalho em relação uns com os outros enquanto mercadorias, os seus detentores relacionam-se enquanto pessoas cuja vontade existe nas coisas que desejem trocar. E como as pessoas existem em função daquilo que possuem, o trabalhador, que nada mais tem para colocar no mercado a não ser a sua própria força de trabalho, vende-se a si e ao seu tempo em troca dos meios materiais que lhe permitam subsistir. Alugando a sua força animal e o privilégio de utilização do seu tempo, o trabalhador recebe em troca os meios que permitindo-lhe continuar vivo deixam operacionais as suas faculdades de trabalho e o mantem apto para continuar a sua filantropia cruzada na construção do progresso. E a burguesia, " esse rebanho de bocas inúteis, mal grado a sua voracidade insaciável, não consegue esgotar todas as mercadorias que os operários embrutecidos pelo trabalho produzem como maníacos, sem pensarem sequer em as empregar em proveito próprio ou perguntarem a si mesmos se haverá ou não alguém que as consuma." - PAUL LAFARGUE, " O direito à Preguiça"

Daqui até concluirmos que o assalariado enquanto tal é um cretino da pior espécie, medeia o tempo necessário para passarmos do pensamento à formulação. Detendo nas suas mãos a possibilidade de ao pararem o trabalho pararem simultaneamente a sociedade que os desumaniza, os assalariados preferem competir entre si, auto-convencendo-se que são mais revolucionários que muitos dos seus parceiros de infortúnio. E quando nas suas débeis manifestações de cólera entregam nas mãos dos políticos as tarefas que só eles próprios podem realizar, acabam por se masturbar intelectualmente tentando provar que o chefe do seu sindicato ou o secretário geral do seu partido, são mais " revolucionários" que o capelão-mór do partido vizinho. De todas as atitudes degradantes que quotidianamente os esforçados, diligentes e miseráveis proletas assumem, é precisamente esta que impressiona com mais profundidade quem tenha um mínimo de compreensão da História. Sofrer o trabalho e fazer por amá-lo, revoltar-se contra a opressão e simultaneamente procurar uma canga substituta, são enigmas que continuam a deixar estupefactos os revolucionários que aqui e ali começam a marcar com uma violência fora do comum a sua passagem pela vida.

Soviets em 1917 na Rússia e em 1918-19 na Alemanha, Comunas populares na Espanha de 36 e na China de 1967 - para descrédito dum classe em decomposição acelerada -, movimentações de rua em 68





da burguesia. E o proletariado, aquela classe na qual dizem que reside a superação do estado de coisas existente, mais uma vez provou a sua imaturidade nos aplausos indescritíveis que incondicionalmente dava a todo e qualquer leader político que se apresentasse como anti-fascista. A futura era de "liberdades cívicas" que parece em franca consolidação, marcará no entanto de forma profundamente positiva a actuação das organizações que se veem reclamando da classe operária e contribuirá decisivamente para que quaisquer ilusões que ainda sobre elas se possam manter, sejam definitivamente abolidas. O livre sindicalismo, coisa há tantos anos exigida como algo de fundamental pela facção mais declaradamente reformista da Oposição Burocrática, poderá agora desempenhar o seu papel fundamental de cão de guarda do Capital.

A época histórica de preponderância duma ideologia, marcada pelo capitalismo de acumulação primitiva, que assimilava sindicato e organização subversiva e sindicalistas a agitadores, tenderá a findar e a tirar fundamento a esta visão do sindicato. Podemos deste modo entrever desde já, a forma como de futuro virão a ser derrotados os movimentos revolucionários que ainda não tenham tomado consciência da sua própria radicalidade.

Só o atraso mental em matéria de crítica revolucionária pôde levar a não se reparar na coincidência da vinda de António de Spínola para o poder e o anúncio por parte da Junta Militar, de futuras liberdades sindicais. O lento processo de industrialização do país, entrou desde há pouco de dez anos numa fase de aceleração tal que provocou já alterações qualitativas quanto ao crescimento e concentração da classe operária. O capitalismo português, já não tem hoje diante de si como em 1926, uma classe operária numericamente fraca e espalhada por uma infinidade de pequeníssimas empresas. Hoje, e ao dizermos hoje colocámo-nos numa perspectiva de tendência dominante, a burguesia tem diante de si em Portugal milhão e meio de proletas cada vez mais concentrados e distribuídos em três regiões fundamentais: Braga-Porto, Aveiro e Lisboa-Setúbal. Tal situação faz com que a classe operária, à semelhança do que acontece na Europa desenvolvida, se encontre numa *skkn* posição de força relativa também em Portugal, e que consciente dela, o capitalismo dê finalmente conta que não existem por cá quaisquer mecanismos ou interlocutores minimamente representativos, através dos quais lhe seja possível resolver sem recurso ao confronto directo, os inúmeros conflitos que tal situação estava já a dar lugar. Esta mudança de tática é demasiado brusca e profunda para não supor por detrás dela uma nova estratégia da nossa incompreendida burguesia, agora perfeitamente consciente do papel contra-revolucionário desempenhado pela C.G.T. francesa na crise de Maio em 1968.

Quando os conflitos anteriores ao golpe de Estado estavam a ser resolvidos directamente entre os empregados e as administrações na mais completa ignorância dos sindicatos oficiais, quando operários e patrões, pela 1ª vez de acordo, liquidavam na prática aqueles mesmos sindicatos que o Partido Comunista se empenhava desesperadamente em animar, eis que - qual aparição descida do além - surge a maravilhosa hipótese de tudo poder ser resolvido "civicamente" através da mediação de tais organismos.

A planificação da força de trabalho, é também tarefa que o capitalismo sobretudo na sua fase monopolista, não pode adiar mais. Em Portugal, tal planificação consistia até há bem poucos anos numa bloqueio férreo dos salários mediante uma repressão selvagem de toda e qualquer reivindicação, capaz ou não de por em causa os objectivos gerais da acumulação.

O nível atingido hoje pelo desenvolvimento das forças produtivas em Portugal, se bem que atrezado relativamente ao dos países mais adiantados, coloca porém dificuldades mais complexas e constrange a burguesia a adoptar táticas menos descaradas. Não se trata agora de reduzir ao mínimo os preços de custo graças à repressão policial dos salários, a fim de obter um máximo de mais-valia e realizar num mercado de penúria ultra-protégido por barreiras alfandegárias hoje

inaceitáveis pelo capitalismo internacional. Trata-se de aumentar a produtividade e regular os aumentos de salários promovendo o alargamento do mercado interno.

Não se trata agora de limitar as importações, mas ~~sim~~ sim de aumentar as exportações através da venda de produtos competitivos, não só ao nível do preço mas também da qualidade. Numa época de evidente aproximação com os mercados da Comunidade Económica Europeia, a planificação da força de trabalho, componente necessária duma racionalização efectiva de todo o sistema opressivo, reside num conhecimento detalhado das disponibilidades da mão de obra, num conhecimento das suas capacidades técnicas e sobretudo no controle eficaz dos salários - controle que implica um diálogo entre o que é pedido e o que pode ser dado. Como tal diálogo não se podia fazer directamente com a base, incapaz de compreender as subtilidades da argumentação capitalista e completamente alheia e hostil aos interesses de classe da burguesia, era altura de se provocar o aparecimento de interlocutores válidos. Aos sindicatos oficiais, instalados pelo fascismo após a repressão selvagem dos anos 20, faltava-lhes qualquer representatividade e contacto com a base que havia apreendido e considerá-los como espiões e inimigos de classe. A burguesia é assim constrangida a finalmente compreender que um sindicato útil ao capitalismo tem de ser um sindicato que controle efectivamente a base, que conheça o seu "estado de espírito", que seja capaz de a levar a contentar-se com aquilo que ele lhe traz das negociações com o patronato, que alerte o Capital a tempo de intervir, que quantifique as reivindicações económicas e as mantenha separadas dos problemas ditos políticos e sobretudo que circunscreva as lutas em sectores isolados.

Um tal organismo tem portanto de merecer um mínimo de confiança por parte da base. É necessário que este o "escolha livremente" e que dele retire vantagens palpáveis.

É de tal sindicato que o capitalismo monopolista tem necessidade, e do qual se está a procurar afanosamente dotar em Portugal.

Aliado objectivo do sistema capitalista de produção por controlar as reivindicações dentro daquilo que o sistema pode suportar, o sindicato é ainda um aliado do grande capital contra o capital não monopolista. O alinhamento progressivo dos salários - de forma a não provocar grandes convulsões -, pelas taxas pagas na grande indústria, colocará inevitavelmente a pequena indústria, insuficientemente equipada e concentrada, perante dificuldades insuperáveis que a levarão em muitos casos à ruína e ao abandono de mais uma fatia do mercado ao grande capital.

Tal papel seleccionador, também o sindicato o saberá desempenhar eficazmente. em Portugal, nesta época ridícula em que a burguesia copia atabalhoadamente todos os mecanismos de integração já utilizados há decénios na Europa desenvolvida.

Sindicatos revolucionários, a bem dizer só existentes nas mentes tacanhas daqueles anarquistas que hoje continuam a raciocinar em função duma relação de forças sólida nos finais do século passado, estão desde já condenados à falência, e qualquer tentativa para os fazer ressurgir enquanto tal, contribuirá obviamente para a perpetuação duma mentalidade que começa desde já a ser lançada no lixo da História. O sindicato que queira sobreviver neste contexto, e temos o certeza que serão inúmeros os candidatos a dirigentes de tais organismos, não pode portanto deixar de ser uma estrutura repressiva, um polícia do capital junto da classe operária. Não se trata duma tarefa dos dirigentes, como até já o dizia o burocrata LEV BRONSTEIN num dos seus últimos escritos, mas sim duma dialéctica da instituição, duma confirmação na prática das limitações aceites por ela de início.

## V

" A teoria revolucionária é agora inimiga de toda a ideologia revolucionária, e sabe que o é." G. DEBORD, La société du Spectacle



Em Portugal, o espectáculo da competição partidária assume hoje aspectos incontornavelmente intensos e dramáticos. A identificação indiscriminada com qualquer ideologia que se reclame da Revolução, parece ser o objectivo único daqueles que suficientemente amedrontados para não banirem as relações mercantis da vida quotidiana, não encontram outra solução para escapar à mediocridade imposta por uma sociedade em vias de se lançar brevemente na proletarianização.

Todas as correntes políticas pretendem hoje mostrar em Portugal, que a sua prática não é competitiva, mesquinha e arrivista, e que pelo contrário aspiram a esmagar todos os poderes e instaurar a ditadura do proletariado. Todas sentem também receio que tal suceda, pois sabem que o poder<sup>des</sup> seria inexoravelmente retirado, é o único sustentáculo que permite aos seus filiados vegetar com relativo equilíbrio psicológico e suportar satisfatoriamente as angústias provocadas pelo sistema.

Os grupos que se reclamam da revolução, são hoje visivelmente em Portugal aquilo que já eram essencialmente - locais privilegiados onde elementos oriundos da pequena burguesia decadente pretendem diluir a sua mediocridade no sucesso espectacular que tais organizações possam hipoteticamente granjear. A fragmentação das várias organizações burocráticas em milhares de tendências, apenas vem testemunhar o desejo incontornável sentido pelos militantes, de mais rapidamente atingirem o escalão máximo da hierarquia. Na impossibilidade material de tal conseguirem, resta-lhes a arma da cisão e da constituição dum novo partido rival, que venha poluir ainda mais o já saturado mercado político português.

Aquilo que o burocrata afirma ser a ditadura do proletariado, é na realidade uma ditadura exercida pela organização hierárquica na qual se encontra filiado, e onde pretende atingir no mais curto espaço de tempo o lugar de maior destaque. O burocrata nunca aceitará a existência do mecanismo de compensação por ele utilizado, porque a verdade oficial da burocracia é a de não o ser. Para o burocrata tomado individualmente, reconhecer-se na burocracia seria reconhecer a sua condição de contra-revolucionário, e isso significaria a perda da submissão daqueles que pretende tenham admiração contemplativa por ele.

A ilusão leninista já não tem presentemente outra base senão nas diversas tendências trotskystas e maoístas, onde a identificação do projecto revolucionário a uma organização hierárquica da ideologia, sobrevive inabalavelmente à experiência de todos os seus resultados. Todas as tendências trotskystas recusam intransigentemente reconhecer na burocracia o poder duma classe separada, porque Trotsky se havia tornado durante a Revolução de Outubro num partidário incondicional da forma bolchevique de organização, e até 1927 havia mesmo permanecido fundamentalmente solidário da alta burocracia, procurando apoderar-se dela para lhe fazer retomar uma acção realmente burocrático-internacionalista no exterior. No que respeita aos maoístas, esses partidários acérrimos duma forma de dominação da classe operária instalada já algures num país da Ásia, resta-lhes esperar que em Portugal o desenvolvimento da luta conduza à constituição de Conselhos Operários como os de Berlim Leste, para terem oportunidade de em nome de Staline e da revolução democrático-popular, esmagarem ou serem arrazados pelas organizações autónomas do proletariado. Quando trotskystas e maoístas reivindicam ter encontrado nas suas formas organizativas a mediação entre a teoria e a prática, onde o proletariado deixa de ser espectador dos acontecimentos ocorridos na organização para conscientemente os escolher e viver, eles descrevem como méritos efectivos das respectivas organizações, tudo aquilo que elas não são.

Nesta fase do desenvolvimento capitalista, em que o título de propriedade ideológico da burocracia já se desmorona à escala internacional, maoístas e trotskystas são a par do seu trabalho teórico e prático, IDEÓLOGOS combatendo por um poder vulgarmente exterior ao movimento proletário, crendo e fazendo crer que o proletariado se reconhece com a sua personalidade total nesse poder, da mesma forma que no seu próprio.

Neste desenvolvimento complexo e terrível que arrastou a época das lutas de classes para novas condições, o proletariado dos países industrializados parece no entanto ter perdido momentaneamente, não o seu ser, mas a afirmação da sua prática autónoma. Ele não foi suprimido. Permanece irredutivelmente existente na alienação intensificada do capitalismo moderno. Ele é a imensa maioria dos trabalhadores que perderam todo o poder sobre o emprego da sua vida, e que desde que o sabem, se redefinem como proletariado - o negativo em marcha desta sociedade. Quando ele descobre que a sua própria força exteriorizada concorre para o reforço permanente da sociedade capitalista, não só através do trabalho mas também através dos sindicatos e partidos de que se tinha dotado para se emancipar, descobre também pela experiência histórica concreta, que é a classe totalmente inimiga de toda a exteriorização prtrificada e de toda a especialização do poder. Nenhuma melhoria quantitativa da sua miséria e nenhuma ilusão de integração hierárquica são um remédio durável para a sua insatisfação, porque o proletariado não pode reconhecer-se verdadeiramente na reparação dum dano particular que tenha sofrido, mas somente no dano absoluto de estar posto à margem da vida.

## VI

"A REVOLUÇÃO DEIXA DE EXISTIR NO INSTANTE EM QUE É NECESSÁRIO SACRIFICAR O-MOS POR ELA." (Léon Vandiguen, Tratado de saber viver para uso das novas gerações)

- "A REVOLUÇÃO DEIXA DE EXISTIR NO INSTANTE EM QUE É NECESSÁRIO SACRIFICAR O-MOS POR ELA." -

Os revolucionários não substituem, representam ou dirigem o proletariado, pois sabem que fazendo-o se negam como revolucionários e perpetuam aquilo que em ultima instancia visam suprimir, a dominação do homem sobre o homem. Os revolucionários impõem a si próprios como objectivo a completa autonomia da classe e a sua auto libertação. Eles sabem que a classe ou se auto-liberta ou é esmagada. Ao negarem-se como vanguarda e ao procurarem eliminar todas as formas de submissão espectacular que possam estar suscitando naquelas que conhecem a sua existencia, os revolucionários funcionam não como direcção, mas sim como anti-direcção.

SEM O PROCURAR ELA, eles suscitam a creatividade revolucionária existindo inconscientemente no proletariado, dissolvem-se nessa creatividade, negam todas as direcções e negam-se a si próprios como direcção. Os revolucionários sabem que meios antagonicos produzem necessariamente fins contrários, e que qualquer actividade visando um papel directivo no movimento revolucionário, leva à criação de novas formas de opressão, que sendo aparentemente antagonicas ao poder burguês, são fundamentalmente a ele aliadas e conduzem à sua destruição pelo proletariado.

"PARA A REALIZAÇÃO DO CRIME  
VERDADEIRAMENTE REPULSIVO..."